



**Morar aqui é “coisa boa”:
desvendando o processo de
construção das identidades
socioterritoriais dos jovens
evangélicos que migraram para
um empreendimento do Minha Casa
Minha Vida na periferia de Juiz de
Fora/MG**

**Juliana Aparecida
Cantarino Toledo¹**

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFF. Bolsista de pesquisa no NuGea - Núcleo de Pesquisa Geografia Espaço e Ação. E-mail: juliana_cantarino@yahoo.com.br

**Living here is "good stuff":
unraveling the process of
construction of the
socioterritorial identity of
evangelical youngs that
have migrated to a Minha
Casa Minha Vida
enterprise at Juiz de
Fora/MG**

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v8n13.2017.70608>

Resumo:

O objetivo do artigo é traçar discussões a fim de compreender o processo de reterritorialização dos jovens evangélicos que, em razão da contemplação de suas famílias por residências próprias, migraram para um vultuoso empreendimento edificado por um programa habitacional do Governo Federal. Para a discussão apresentada no texto, partimos do entendimento da juventude como uma categoria múltipla, forjada em seus contextos sociais e do território enquanto apropriação, baseada nas memórias de ocupação do espaço, significado a partir das relações e trajetos diários, tecidos através da ação denominada territorialidade. E ainda, da construção de uma identidade social.

Palavras-chave: Território, Juventude, Identidade.

Abstract:

The goal of the current article is to outline discussions aiming at understanding the process of reterritorialization of young evangelicals who, due to their families acquiring home ownership, migrated to a considerable enterprise founded by a housing program from the Government. In order to discuss what is presented in the text, we assume that the youth is a multiple category, cast in their social and territorial backgrounds in terms of appropriation, based on the memories of territorial occupation, meaning based on relations and daily routes through the action called territoriality. And still, the construction of a social identity.

Keywords: Territory, Youth, Identity.

Introdução

O presente texto constitui-se um recorte da pesquisa de mestrado intitulada “O papel das igrejas evangélicas no processo de re-territorialização e construção das identidades territoriais dos jovens evangélicos do Parque das Águas - Juiz de Fora/MG”. A pesquisa, entre outros objetivos, buscou compreender atuação das igrejas evangélicas no processo de construção das identidades territoriais, dos jovens evangélicos que migraram para um vultoso empreendimento residencial, edificado através de um programa habitacional do Governo Federal, na cidade de Juiz de Fora. Objetivo o qual, abordaremos nesse trabalho.

O empreendimento, inaugurado em 02 de julho de 2012, recebeu um considerável número de famílias contempladas com as residências, por meio de um sorteio público realizado pela Prefeitura da cidade. O deslocamento dessas famílias para o residencial implicou a perda dos vínculos sociais e territoriais desses sujeitos e de identidades territoriais, baseadas em memórias de ocupação da cidade, de conhecimento do território, no sentido da identificação de lugares, de perigos, de encontros e possibilidades em relação aos trajetos a partir de seus antigos bairros.

Para a juventude a perda desses vínculos apresenta-se como um movimento de ruptura ainda maior, pois é nesse momento que os jovens iniciam seus trajetos para além de seus lares. Em alusão a descrição de Cassab e Barbosa (2015), no que se refere à juventude, essa se caracteriza por um momento em que o ambiente familiar não é mais o único lugar onde os jovens erguem seus vínculos. Neste momento, saem em busca de experiências em outras redes de sociabilidade além daquelas construídas em suas casas. Durante a juventude, eles constroem suas identidades e estabelecem novos vínculos sociais.

Sendo assim, os jovens que hoje residem no loteamento Parque das Águas, compartilham o processo de constituição de identidade, estabelecem vínculos e relações sociais, uma vez que, habitam agora um local de residência até então desconhecido. Logo, esses jovens, ao mesmo tempo em que rompem suas relações socioterritoriais, são também obrigados a reconstruí-las. Procuraremos aqui, traçar uma discussão que terá como propósito compreender o processo de constituição dessas identidades.

Metodologicamente, o presente trabalho conta com alguns procedimentos desenvolvidos na pesquisa de mestrado. Portanto, baseiam-se em discussões teóricas tecidas a partir de revisões bibliográficas sobre os conceitos e abordagens em relação ao tema, assim como as transcrições das entrevistas de campo realizadas com 23 jovens¹. Dentre esses, 12 do sexo masculino e 11 jovens do sexo feminino, com idades entre 13 e 19 anos². As entrevistas foram realizadas em dois encontros que ocorreram no mês de março de 2017.

¹ Por uma questão ética os nomes dos entrevistados expostos nas citações que evidenciam a fala dos jovens, são fictícios.

² A Organização das Nações Unidas (ONU) indica idades de 15 a 24 anos como conceito médio de juventude. Entretanto, as lideranças consideram jovens para atuarem nas atividades desenvolvidas para esse seguimento

Como recorte temporal, delimitamos o período entre 2012-2017, ano de inauguração do empreendimento e de realização das entrevistas com os jovens, respectivamente. Todos frequentadores da igreja evangélica pentecostal Jesus Cristo a Única Esperança³, no Parque das Águas.

A título de organização o texto se divide em quatro momentos. O primeiro, objetiva fazer uma discussão acerca do modo como empregaremos o conceito de território neste trabalho. Também, deixar clara a maneira como pretendemos analisar a construção das identidades territoriais dessa juventude com o novo local de moradia. O segundo momento propõe uma discussão sobre o residencial Parque das Águas, em especial no que toca a oferta de elementos que facilitariam a aproximação dos jovens e propiciariam momentos de descontração e sociabilidade. Seguidamente, o enfoque se volta para a compreensão do papel da igreja na vida desses jovens. E finalmente traçar considerações sobre as discussões explicitadas ao longo do trabalho.

Identidades socio-territoriais na reterritorialização

No âmbito da ciência geográfica o conceito de território admite compreensões múltiplas, dado os variados enfoques apresentados em razão dos múltiplos contextos em que é discutido. Sabe-se também que essas variadas apreensões sobre o conceito surgiram na década de 1970, no movimento renovador da Geografia⁴ anterior a isso, atrelava-se a noção de Estado.

Todas as obras e discussões tecidas a partir deste movimento, apesar de em muito se apresentarem distintas, especialmente por se tratarem de diferentes gerações de autores, contribuíram para dar ao território uma compreensão que se funda também a partir de relações sociais de poder e dominação, o que denota a compreensão de diferentes territorialidades e modos de apropriação do espaço, e não apenas àquela que vinculava o território a noção de Estado-Nação. No entanto, é necessário ressaltar que o território, em quaisquer a apreensões se atrela a relações de poder.

É também importante salientar, inclusive para este trabalho, que o território não pode ser compreendido como algo dado, mas sim construído a partir das relações cotidianas que envolvem modificações dos seus atores - sujeitos sociais - e de sua base material. Sendo assim, não há sentido em tratar o território de maneira desassociada do espaço, conceito

na igreja (critério escolhido para classificar os jovens pesquisados nesse trabalho), as lideranças estendem a faixa de idade: de 13 a 25 anos.

³ A igreja caracteriza-se como a que recebe o maior número de jovens em relação às outras 17, contabilizadas no local. Fundada em 2013, logo após a inauguração do empreendimento, conta atualmente com um número aproximado de 70 membros.

⁴ Ver Saquet (2006).

também ressignificado na fase de renovação da Geografia, e compreendido como produto das relações sociais.

A proposta do presente trabalho é a do entendimento do território não apenas como um espaço delimitado a partir de relações de poder, mas também como apropriação resultante do imaginário e/ou identidade social. Nesse sentido, a constituição de uma identidade social dentro do novo local de moradia torna-se elemento-chave na construção de uma identidade territorial e do sentimento de pertencimento desse jovem. No caso dos nossos jovens, acredita-se que a construção dessa identidade social se dê em grande medida a partir de sua relação com o ambiente religioso. Ao discutir a questão da identidade social e territorial, Haesbaert (1999, p. 172) parte do pressuposto geral de que:

Toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação que se dá tanto no campo das ideias quanto na realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social.

Dessa forma, a possibilidade da existência de um território está atrelada a alguma valorização simbólica dos sujeitos que habitam determinado espaço. Para Haesbaert (1999, p. 174), “a maioria dos autores não considera a existência ‘concreta’ da identidade, restringindo-a ao campo das representações”, entretanto, segundo ele, devemos ressaltar a base material, no nosso caso a base territorial, papel de referência na construção de muitas identidades.

Buscamos explicitar, dessa forma, a dinâmica que faz compreensível o conceito de território em sua relação com o espaço, como lócus da vivência dos sujeitos, seus movimentos cotidianos com os seus (entorno) e com o outro, buscando entender a identidade como um fator que aglutina e promove a ação coletiva desses sujeitos, que permite a construção de uma relação de pertencimento do sujeito com seu local de moradia. Hall (2002, p. 11), ao apresentar as concepções sobre identidade afirma que ela é “formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade”. Ainda, segundo ele, seu processo de formação é constantemente transformado a partir das relações e “as formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2002, p. 13). Logo, é na interação entre os sujeitos que podemos compreender a construção das identidades territoriais dos jovens evangélicos residentes no Parque das Águas.

Em suma, a constituição da identidade-território se consuma num processo em movimento tendo como elemento central o tempo, na medida em que se conforma o sentido de pertencimento do indivíduo ou do grupo pelo seu ambiente de vivência. Esse sentimento de pertencer ao espaço que se habita, onde se constrói uma complexa rotina de sociabilidade possibilita a esse espaço assumir o caráter de território.

Em sua dimensão espacial essa rotina configura-se em territorialidades. Para Haesbaert (2007), da mesma maneira que o território, a discussão em torno do conceito de

territorialidade assume dimensões múltiplas. Tais dimensões abarcam tanto um enfoque epistemológico quanto ontológico. Saquet (2009) afirma que a territorialidade se configura em ações produzidas cotidianamente: nas relações com o trabalho, com o não trabalho, com a família, na igreja, na escola, entre outras. Nesse movimento, a territorialidade se expressa em uma trama complexa, que envolve todas as escalas, indo desde as relações cotidianas e pessoais até complexas relações sociais

Ela é, portanto, o desdobrar de todas as relações diárias que firmamos. Tais relações, nomeadas territorialidades, produzem os territórios de cada pessoa ou grupo social em seus lugares determinados, num processo denominado territorialização. Para Saquet “a territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas [...] resultado e determinante do processo de cada território, [...] é múltipla, e por isso, os territórios também o são” (SAQUET, 2015, p. 129).

Desse modo, se compreende aqui as territorialidades como ações que resultam e condicionam o processo de territorialização e construção de territórios. Assim, em alusão a Correa (1996), tais práticas e expressões materiais e simbólicas possibilitam a apropriação e permanência de um território por um grupo ou entidade.

Cabe então, compreender de que maneira estas relações se dão, em especial pelo fato de ser uma juventude que além dos desafios compartilhados com outros jovens, vivenciam um modo de ser jovens que os diferem dos demais pela sua opção religiosa.

Caracterizando o novo local de moradia dos jovens residentes

O Minha Casa Minha Vida é um programa do governo federal que objetiva a construção de unidades habitacionais populares no sentido de atender à demanda por moradia da população de menor renda, incentivando o mercado a assumir essa parcela que não teria a possibilidade de adquirir a casa pelos meios convencionais – sem os subsídios ou facilidades de compra promovidos pelo Programa.

Em 2012, ano de inauguração do residencial Parque das Águas, o PMCMV se apresentava como a principal política de habitação no município de Juiz de Fora e teve como objetivo resolver a questão do déficit habitacional na cidade. No momento da construção do empreendimento, o PMCMV se organizava em torno de três faixas de renda⁵. A primeira faixa (que contempla os residentes no Parque das Águas) para as famílias com renda bruta de

⁵ No início de 2017, foram apresentadas novas regras para o programa. De acordo com as mudanças apresentadas no site da Caixa Econômica Federal, houve ampliação do limite de renda para a terceira faixa, subindo para 9.000. Não houve alteração para a primeira faixa de renda, que atende famílias com renda de até R\$1.800,00. Disponível em: <www20.caixa.gov.br>. Acesso em: 2 fev. 2017. Entretanto, atualmente não estão sendo edificadas, habitações destinadas a faixa 1, em razão do corte recursos promovido pelo atual governo brasileiro (2016-2018).

até R\$ 1.600,00: “o financiamento é feito pelo FAR – Fundo de Arrendamento Residencial, em parceria com o Poder Público (Estados e municípios)” (CAIXA, s.d., p. 6). O município cadastra as famílias de acordo com os critérios definidos para o programa que então é validado pela Caixa Econômica Federal (CEF). Concomitante a isso, as construtoras interessadas apresentam os projetos à CEF que, após análise, “contrata a operação, acompanha a execução da obra, libera recursos conforme cronograma e, concluído o empreendimento, contrata o parcelamento com as famílias selecionadas” (CAIXA, s.d., p. 10). A distribuição das moradias direcionadas às famílias com renda de até R\$ 1.600,00 na cidade de Juiz de Fora foi realizada pela Prefeitura, através da EMCASA⁶ e por meio de sorteio mediante cadastro prévio.

Para os sorteios e toda organização envolvendo o beneficiamento das famílias, em Juiz de Fora, não foi considerada a proximidade das antigas residências dos inscritos com os novos locais de moradia destinados pelo programa. Neste caso, tanto o residencial Parque das Águas como os outros empreendimentos edificadas a partir do PMCMV abrigaram famílias de várias regiões da cidade, inclusive a grande maioria de regiões distantes do empreendimento.

O Parque das Águas não foge a essa regra: situado nas franjas do tecido urbano da cidade de Juiz de Fora, em sua região Norte, foi construído em terreno antes pertencente a uma fazenda, possuindo 565 unidades horizontais.

Dados da pesquisa realizada por Cassab e Barbosa (2015) permitem traçar algumas considerações acerca das características físicas e sociais presentes no empreendimento: sua inauguração em 2012 impactou diretamente nos bairros do entorno, provocando efeitos no transporte coletivo, escolas, creches e Unidade de Atendimento Primário (UAP), uma vez que a mesma não fora acompanhada da construção imediata de novos equipamentos sociais capazes de suprirem a nova demanda.

Como consequência, a pesquisa relata o estranhamento e responsabilização dos moradores do residencial pela sobrecarga nesses equipamentos. As autoras prosseguem destacando a ausência de comércio variado, equipamentos culturais, correios, bancos, entre outros; o que obrigava os moradores a se deslocarem para outros pontos da cidade em busca de tais serviços, arcando com as despesas desse deslocamento.

Outra questão que também merece atenção é o critério utilizado pela prefeitura no direcionamento das famílias para o empreendimento, o que configura em uma ampla

⁶ Com o objetivo de promover ações voltadas a inibir e combater o *déficit* habitacional no município de Juiz de Fora, a Empresa Regional de Habitação de Juiz de Fora (EMCASA) foi criada pela Lei n. 7.152, de 27 de agosto de 1987, constituída como uma sociedade de economia mista, regida pela Lei n. 6.404 de 15 de dezembro de 1976, tendo como acionista majoritário a Prefeitura de Juiz de Fora (PJF), e demais ações distribuídas pelo capital privado. Disponível em: <http://pjf.mg.gov.br/administracao_indireta/emcasa/historico.php>. Acesso em: 23 maio 2015.

especialização dos bairros de origem das famílias, mostrando que não houve nenhum critério que levasse em conta os locais de procedência das mesmas, reproduzindo no Parque das Águas conflitos de caráter territorial já presentes entre bairros da cidade. A maioria dos locais de origem das famílias está em bairros completamente distintos do novo endereço de moradia, o que nos permite compreender que a escolha da realocação das famílias, bem como dos locais de construção dessas moradias considerou apenas a necessidade imediata pela residência. Desconsidera, portanto, especificidades inerentes aos seus itinerários, relações de vizinhança, local de trabalho, escolas, creches etc., ou seja, aspectos territoriais que constituíam as relações dessas famílias com seu local de moradia.

No tocante às condições de moradia dos contemplados pelo empreendimento Parque das Águas, torna-se evidente a lógica de mercado em que se dá a produção desses novos espaços, visto que o novo bairro carece de infraestrutura mínima em serviços de apoio à moradia.

A casa envolve outros planos espaciais. É dela que o indivíduo parte em busca de articulações espaciais e apoia sua vida cotidiana. Por essa razão, o espaço da habitação e o ato de habitar se revelam como criadores de uma identidade na medida em que:

o habitar implica um conjunto de ações que articula também planos e escalas espaciais (o público e o privado; o local e o global) que envolve a vida que se realiza pela mediação do outro, imerso numa teia de relações que constrói uma história particular, que é, também, uma história coletiva, onde se insere e ganha significado a história particular de cada um (CARLOS, 2003)⁷.

No bairro foram construídas apenas as residências sem que houvesse de imediato a construção de equipamentos sociais para atender as necessidades dos novos moradores.

Com relação à oferta de espaço público de promoção de sociabilidade, o local contava com duas pequenas praças que hoje se encontram bastante depredadas e deterioradas. Em consonância com Gomes (2001), como espaço público podemos afirmar sua compreensão a partir de duas formas indissociáveis, “por um lado, um espaço definido por um estatuto jurídico igualitário e democrático e, por outro, aquele no qual praticamos uma certa atitude e um certo comportamento social que o identificam com uma vida pública” (p. 96). Nesse sentido, as praças do residencial, por apresentarem a oferta de um espaço pouco dotado de qualidade em seu sentido físico, caracterizam-se por não prover a possibilidade de sua ocupação e, conseqüentemente, o aniquilamento das práticas sociais que poderiam se dar no local e que promoveriam a configuração física desse espaço como público.

⁷ Artigo disponível exclusivamente em meio eletrônico no endereço da revista Scripta Nova, vol. VII, n. 146(046), a saber, [http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-146\(046\).htm](http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-146(046).htm).

Outra característica que merece destaque relaciona-se a ínfima oferta de áreas verdes no local: as poucas árvores que existem estão localizadas numa porção específica do empreendimento. Para Mascaró e Mascaró (2001), a vegetação em áreas urbanas é algo extremamente necessário ao bem-estar dos habitantes. Nas palavras dos autores, “as árvores, os arbustos e outras plantas menores e no seu conjunto constituem elementos da estrutura urbana” (p. 13).

No residencial não há uma preocupação estética, tampouco que trabalhe questões apresentadas no que se refere aos benefícios das áreas verdes no ambiente urbano. É ainda comum que as casas apresentem problemas, entre esses rachaduras e vazamentos causados pela chuva. Após a inauguração era comum os meios de comunicação da cidade, noticiarem casos de moradores reclamando de problemas estruturais envolvendo as habitações. É o que exemplifica a notícia publicada em 2013 pelo site G1:

‘Moradores se queixam de estrutura no Parque das Águas em Juiz de Fora’, a notícia descreve problemas relacionados a infiltração tendo como consequência, incêndios provocados pela entrada da água, desabamento dos forros, rachaduras e mofo. Assim, nas palavras do morador, ‘invade água, está trazendo problema na parte elétrica de toda casa, rachadura, várias casas já pegaram fogo’ (G1, 2013)⁸.

Quase cinco anos após a sua inauguração o residencial passou por uma reestruturação protagonizada pelos próprios moradores. Muitas casas não apresentam as mesmas características, pelo menos externamente. Nas ruas do local, acopladas às casas foram surgindo pequenos comércios e um número significativo de igrejas evangélicas. O empreendimento conta também com a existência de uma creche e uma escola municipal.

Outro fator importante relacionado às características do Parque das Águas está a sua estigmatização: a maioria dos moradores do entorno se referem ao local como violento (CASSAB; BARBOSA, 2015). Nesse quesito, muitos residentes relatam ter havido uma significativa melhora nos índices de violência no local desde 2012, enfatizando ainda que esse caráter violento se apresentou logo no início de sua inauguração em razão de o local ter sediado um grande contingente de famílias originadas de diferentes bairros, os quais já apresentavam conflitos de caráter territorial anteriores.

Porém, o residencial ainda é muito estigmatizado pelo entorno e meios informacionais da cidade. É com certa regularidade que o Tribuna de Minas, jornal de maior circulação na cidade de Juiz de Fora, noticia casos de violência ocorridos no residencial ou mesmo envolvendo moradores do local. Este tipo de representação reproduz um imaginário

⁸ Artigo disponível exclusivamente em meio eletrônico no endereço na página de notícias G1 Zona da Mata, a saber, <http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2013/12/moradores-se-queixam-de-estrutura-no-parque-das-aguas-em-juiz-de-fora.html>.

que reforça a segregação socioespacial e o estigma da violência associado aos moradores e ao próprio Parque das Águas. Lugar e pessoas que devem ser evitados.

A descrição do residencial permite-nos inferir que a ida desses jovens para o local, implicou não apenas na perda de seus vínculos socio-territoriais e o desafio de sua reconstrução, ela permeia o entendimento de que essa reconstrução, também contará com o desafio de residir em um local carente de estruturas básicas e carregado de problemas relacionados à lógica de sua construção.

O cotidiano da mocidade do Parque das águas

Posterior a caracterização do Parque das Águas, o esforço se volta para o entendimento do modo como os jovens da pesquisa enxergam e vivem o/no Parque das Águas. Entretanto, antes de abordar os jovens desse trabalho, primeiramente, é necessário explicitar como compreendemos a categoria juventude, já que as discussões sobre o tema não se apresentam em consenso, especialmente pelo fato de ser um assunto discutido em distintas áreas do conhecimento como: a Psicologia, as Ciências Sociais, a Pedagogia e mais recentemente a Geografia.

Cassab (2011), ao trazer uma breve apresentação de como as categorias jovem e juventude vem sendo tratadas ao longo da história, iniciando em Roma até a modernidade, evidencia como sua construção é determinada por tempos e contextos variados, afirmando seu entendimento como uma categoria variável. Para Groppo (2004), a discussão em torno do tema ganha maior atenção na modernidade, ao passo que são inauguradas concepções de juventude ainda hoje presentes. Assim, assinala ser nesse período que despontam estudos sobre o tema, além do aflore de critérios etários capazes de delimitar a juventude.

As principais concepções norteadoras do que vem a ser a juventude na sociedade hoje são: aquela que a define a partir de um recorte etário, como um momento de transição da infância à vida adulta e da juventude como um devir, um projeto futuro. Assim, ao invés do entendimento do jovem como um sujeito social ativo e dinâmico, com vontades, desejos e contextos próprios, o que se percebe é a negação da juventude.

José Machado Pais (1990), esforça-se em agregar as teorias sobre o tema em duas principais correntes de pensamento: a geracional e a classista. Para o autor, na corrente geracional os jovens compreendidos em uma mesma geração partilham de sentimentos comuns. E na classista é analisada a diversidade social, os diferentes modos de experienciar a juventude em suas distintas classes sociais. Entretanto, Pais também afirma a necessidade de se compreender a juventude sob as duas lógicas, enfatizando que nenhuma das duas correntes isoladamente é satisfatória.

Luiz Antônio Groppo (2000) irá dizer que a juventude é mais que uma faixa de idade, um grupo coeso ou uma classe de fato. O autor a define como uma

Concepção, representação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo é uma situação vivida em comum por certos indivíduos (GROPPO, 2000, p. 8).

A juventude é, desse modo, uma categoria social entendida ora como uma situação social, ora como uma representação sociocultural. Para Groppo, o entendimento do que vem a ser juventude sempre esteve atrelado à necessidade de usá-la como uma categoria social para classificar indivíduos de acordo com os interesses inerentes às instituições modernas.

Deve-se, portanto, desvencilhar o olhar tanto da juventude apenas como uma fase da vida, definida a partir de faixas de idade, pela ordem da natureza. Nessa perspectiva Groppo (2000), salienta a necessidade de se olhar a juventude a partir da ótica social.

A juventude é aqui entendida em sua multiplicidade, pensada a partir da pluralidade dos contextos sociais em que os jovens estão inseridos. Ela é entendida como uma categoria diversa, dotada de especificidades baseadas nas experiências sensibilizadas pelos jovens, apropriações realizadas nos espaços que habitam e frequentam, significando, portanto, compreendê-la desprendida de critérios rígidos.

É dessa maneira, que justificamos a escolha pela juventude evangélica do Parque das Águas, uma vez que o grupo se caracteriza por um modo específico de ser jovem e de viver a juventude, de viver o/no novo espaço de residência.

As apreensões acerca do cotidiano dessa juventude nos trarão elementos essenciais à compreensão do processo de re-territorialização desses jovens, à medida que entendemos tal processo a partir do movimento denominado territorialidade e da construção de um sentimento de pertencimento com o local. Assim, questionou-se sobre as suas rotinas no local. É importante ressaltar que apesar das recentes aberturas dadas aos jovens pelas igrejas pentecostais em relação as suas práticas⁹, a não aceitação de algumas delas, restringem os jovens de frequentarem certos lugares da cidade e do residencial, como por exemplo: bares, ruas e praças receptoras de práticas não condizentes com a conduta bíblica, festas, o que torna mais restrita a convivência.

Assim sendo, as respostas nos permitem apreender que a territorialidade desses jovens é expressa por elementos parecidos, mas optamos por evidenciá-la a partir de dois grupos, firmados em virtude da similaridade das afirmações apresentadas nas falas. Sendo assim, esses grupos se dividem nos trajetos e práticas tecidos pelos meninos e meninas

⁹ Sobre o menor rigor aplicado pelas igrejas sobre as práticas tecidas pelos seus jovens, em especial as pentecostais. Ver: Costa (2004); Fernandes (2009); Goulart (2008); Carrano (2002).

separadamente, visto que os caminhos descritos por ambos os grupos se diferenciam no aspecto das ofertas de lazer que o bairro dispõe. Assim, as meninas descrevem suas rotinas de forma que podemos agrupá-las em três momentos, que se resumem no dever com a escola, que também é encarado como uma forma de lazer e encontro com os amigos; no momento do compromisso com os afazeres domésticos, que se apresenta como o tempo que essas jovens chegam da escola e desenvolvem atividades de cuidado com a casa; e, finalmente, o momento de lazer e compromisso com a igreja. Neste caso, a referência que se faz a compromisso se apresenta apenas por serem atividades que requerem comprometimento, como os ensaios de coreografia e louvor, mas que são descritos como ações proporcionadoras de descontração, encontro e de sentido as suas vidas ali.

Levanto cedo, vou pra escola, porque eu estudo de manhã. Ai eu volto, arrumo a casa, [...] de tarde tem TSD que é o tempo sozinho com Deus ai depois vou pra igreja. Sempre tem alguma coisa na igreja, ensaio da coreografia ou culto. E assim vai. A maioria das coisas que eu faço são na igreja (Leandra, 16 anos: entrevista de campo, 2017).

De manhã eu vou pra escola, ai chego arrumo casa. De tarde eu fico em casa mesmo. Quando tem ensaio de coreografia eu venho. Ai de noite eu venho pra igreja. Ai vou pra casa. É quando eu não estou na igreja eu vou na casa das minhas colegas (Mara, 17 anos: entrevista de campo, 2017).

As falas explicitadas acima se repetem ao longo das entrevistas. Quanto aos jovens meninos, podemos descrever suas territorialidades baseadas na ida para a escola, pela manhã, o ócio pós-almoço, que muitas vezes também é dedicado ao tempo para igreja, pois como descrito, costumam fazer o “Tempo Sozinho com Deus” (TSD) ou a leitura da Bíblia, as partidas de futebol desenvolvidas na rua e a ida à igreja. Verifica-se que para os meninos, o jogo de bola apresenta-se como um momento de descontração a mais em suas rotinas. Foi questionado sobre a ida a outros bairros para eventos desenvolvidos pela igreja, no entanto, a maioria afirmou que apesar de existirem, essas idas são muito esporádicas.

Ademais, o que se nota é uma rotina que se limita a ida à escola, a rua, a casa e a igreja, o que denota o fato de seus hábitos perpassarem apenas o local de residência e o bairro do entorno que sedia a escola. Portanto, é essa rotina – e em especial a ida à igreja e as práticas tecidas com os outros jovens membros dela – elemento constituidor do processo de territorialização e a consequente construção de uma identidade territorial com o residencial. A igreja e as práticas tecidas a partir dela dão significado à vida desses jovens por estarem num local carente de estrutura e espaços públicos. A igreja aparece nas falas desses jovens como uma instituição que promove encontro, reconhecimento, aconchego, lazer e amizades. O item a seguir cuidará de apresentar elementos centrais ao entendimento acerca do papel e atuação da igreja na vida desses jovens.

“A igreja é o único motivo para eu gostar de morar aqui”¹⁰

Na busca por compreender o papel dessas igrejas na vida dos jovens evangélicos do Parque das Águas e, especialmente, com relação à construção de um sentimento de pertencimento com o seu novo local de moradia, questionamos primeiramente sobre o porquê da escolha pela igreja “Jesus Cristo a Única Esperança”.

As respostas nos permitem perceber que a instituição religiosa se apresenta não apenas como um espaço propício à manifestação da fé, mas na oferta de atividades que intentam ocupar o jovem. Os jovens descreveram como atividades ofertadas pela igreja: ensaios de coreografia, de louvor, a ida ao Monte, Tardel (encontro de jovens), Escola Dominical, Cultos, entre outras. Assim, seguem as afirmativas:

É assim, se eu não vou na igreja, eu fico na rua e na minha rua eu desço ali e já tem uma boca ali de droga, e se eu ficar ali na rua, eu vou fazer o que, vai dar errado isso daí. Ai eu falei, eu vou pra igreja [sic]. (Marcos, 14 anos: entrevista de campo, 2017).

No outro bairro eu não ia na igreja, eu era do mundo. Ficava em casa não tinha nada pra fazer, fazendo coisas que não devia. Aí agora é bem melhor. Já tem quase um ano que eu estou aqui. Eu frequento a igreja com a minha irmã e meu irmão e minhas colegas. Minha irmã que me trouxe [sic] (Paulo, 18 anos: entrevista de campo, 2017).

Ser da igreja, portanto, quer dizer não ser do mundo ou fazer parte de um universo, como destaca um dos jovens, “das coisas que não devia”, logo, os jovens se estabelecem enquanto um grupo a partir de sua inserção na igreja que, por sua vez, se apresenta também como um espaço que disputa atenção com outros espaços ou grupos.

A igreja é para esses jovens mais que uma instituição religiosa: ela se destaca como um local que promove a socialização. É a partir dela que os jovens da pesquisa se reconhecem enquanto um grupo, que dão sentido aos seus dias sem muita atratividade em termos de oferta de diversão. Entretanto, ela também aparece como um local que promove o escape, a fuga de elementos inerentes ao cotidiano desses jovens, descrito por eles como “o mundo das drogas”, ou as “coisas que não devia”, promovendo também a integração do grupo familiar, ao passo que muitos vão para igreja a partir do convite de um membro familiar, ou levam um membro a partir de seu convite. E assim complementamos com as colocações a seguir:

Porque eu me sinto bem aqui, gosto daqui, agora a igreja é muito boa. Sabe, eu acho muito bom, porque através da gente vindo, a minha mãe vem. A minha mãe não é crente, de vir todo dia, mas a minha mãe vem tipo assim,

¹⁰ Trecho retirado de uma das entrevistas feita com os jovens.

de vez em quando. (...) e eu gosto de conversar com os jovens, eles falam coisas de Deus mas também é muita diversão, a gente descontrair também, eu gosto muito [sic] (Claudio, 18 anos: entrevista de campo, 2017).

Eu era de outro ministério, aí inaugurou a igreja aqui, eu vim e continuei. (...). Aí depois eu conheci o ministério de coreografia, porque eu sou apaixonada por dança, eu costumo falar ‘pode me tirar de tudo, do ministério de louvor, da mocidade, mas não me tira a dança não, pelo amor de Deus’. Então foi o modo assim que eu encontrei na casa de Deus pra me expressar [...] (Patrícia, 18 anos: entrevista de campo, 2017).

As atividades promovidas pela igreja denotam ações capazes de promover encontro, aprendizado, empoderamento, lazer. Inclusive, para muitos a oferta dessas atividades é a motivação para procurarem o local.

É importante salientar que dos 23 jovens entrevistados, 12 não eram evangélicos antes da mudança para o Parque das Águas. Inclusive, alguns afirmam em suas falas que a procura da igreja se deu muito em função de no bairro não ter “nada pra fazer”, como no fragmento: “Eu sempre tive vontade de começar a congregar em uma congregação. Aí eu morando aqui, nada pra fazer, eu fiz uma visita, gostei e estou aqui. Tem uns negócios maneiro aí pra nós [sic]” (Danilo, 17 anos: entrevista de campo, 2017). A separação entre os jovens da igreja e do mundo é outra afirmativa de uso corriqueiro nas falas dos entrevistados que não faziam parte do mundo evangélico. Assim, “eu a primeira vez que eu vim eu era do mundão mesmo [sic]. Aí eu vim a primeira vez e não gostei não. Aí depois eu vim na festa dos jovens porque ia vim o MC Muriel, aí eu gostei e fiquei [sic]” (Lauro, 18 anos: entrevista de campo, 2017).

Para Fernandes (2007), “ser do mundo” é algo que precisa ser reprimido, é o espaço profano, que se opõe ao sagrado. Algo que segundo ele é bíblicamente considerado como um espaço de perdição. No entanto, o autor ressalta que não são todos os espaços que não seja o da igreja, mas os que produzem práticas específicas como bares, ou qualquer outro que possa se vincular ou trazer sentimentos que para eles não são de Deus. Esse sentimento de diferenciação entre os jovens de “dentro” e os de “fora/mundo”, que permite aos nossos jovens a construção de uma identidade.

Quando questionados sobre quais atividades os jovens praticam na igreja, apresenta-se a seguinte análise: O Tardel – tarde com Deus¹¹: encontro realizado todos os sábados – é praticado por todos os jovens, assim como a ida ao culto e ao Monte. Já os ensaios de coreografia e louvor são evidenciados por todas as jovens do sexo feminino, enquanto tocar instrumentos e louvor por todos os jovens meninos. De fato, a música e a dança estão presentes em praticamente todos os momentos do cotidiano dos jovens ouvidos na igreja. Elas são para eles uma paixão - “eu sou apaixonada por dança” -, uma adoração -

¹¹ O “Tardel” é o encontro de jovens realizado todos os sábados.

“adoro cantar courinho, vou emendando um no outro” (Joana, 19 anos: entrevistas de campo, 2017).

Para Gomes (2007, p. 13), “a música na igreja tem capacidade de agregar, potencializar relações entre os jovens, estreitar laços de amizade, de companheirismo e promover encontros de sentido para a vida”, como para a jovem entrevistada ao afirmar em trecho trazido anteriormente. Assim, quando questionados sobre como é ser jovem e frequentador da igreja, a maioria é taxativa ao afirmar o seu contentamento em estar inserido nesse universo, ao passo que segundo eles, na igreja eles não deixam de fazer nada, de se divertir, ajudam outros jovens a sair do “mundo”, conhecer novas pessoas e encontrar Deus. Nesse sentido, podemos entender o motivo de a “Igreja Jesus Cristo a Única esperança” receber um número tão significativo de jovens evangélicos no residencial em relação à gama de outras igrejas inseridas no mesmo espaço, já que essa promove encontro, amizade, influenciando, inclusive, na relação com os jovens que não são da igreja, como descreve a afirmativa de um dos jovens:

Tenho muitos amigos da igreja. Tenho amigos de fora, mas quase não encontramos. Só no jogo. Jogamos os da igreja contra os de fora. A gente tem um time da igreja que joga contra os de fora, 7 jogos invictos que nós não perde [sic]. Só ganhando. Coisa boa, nos damos bem. Os do mundo não se converteram ainda [sic] (Carlos, 16 anos: entrevista de campo, 2017).

Dando seguimento ao entendimento acerca do papel da igreja na construção de uma identidade territorial desses jovens com o Parque das Águas, foi questionado se frequentar a igreja os ajudou a conhecer mais pessoas e fazer novos amigos e se relacionar com seu local de moradia? Tal questionamento teve como intuito apreender se estar inserido na igreja possibilitou a esses jovens uma maior espacialidade dentro do próprio bairro e a consequente construção de novas relações.

A partir desses questionamentos foi apresentada uma outra atividade promovida pela igreja e descrita como promotora do encontro com os moradores e outros jovens do local: a evangelização. Ela consiste em uma ação da igreja executada pelos jovens de visitar as residências e convidar outros jovens e moradores do local para irem conhecer a igreja. Nessa ação, segundo eles, conseguem fabricar novas amizades e convencer outros jovens a irem frequentar a igreja. Inclusive, alguns dos jovens que não eram evangélicos antes de irem residir no Parque das Águas afirmaram terem feito a opção pela igreja a partir da ação descrita.

Assim, segue a afirmativa “frequentar a igreja me fez ter mais amigos no bairro. Conhecer novas pessoas, até pela atividade [...]” (Jaqueline, 17 anos: entrevista de campo, 2017), quando a entrevistada faz menção a atividade ela se refere à evangelização. Outros jovens expõem:

Eu não vinha tanto aqui nessa rua. Ficava mais na minha mesmo. Com a igreja eu sempre venho, vou com os meninos evangelizar, é isso [sic] (Elaine, 15 anos: entrevista de campo, 2017).

Agora eu converso com todo mundo. Ninguém me olha torto. Tipo: olha lá o doidão [sic] (Claudio, 18 anos: entrevista de campo, 2017).

As colocações permitem compreender que a igreja, além das características e influências já citadas anteriormente, apresenta-se para esses jovens também como uma instituição que promove uma melhor aceitação pela vizinhança; estar na igreja foi descrito por esses jovens como uma imersão que promove uma sensação de responsabilidade, de correto. Dessa maneira o jovem é visto como um indivíduo sério, de Deus, diferente dos outros jovens que não são da igreja. A citação a seguir permite compreender melhor a afirmação: “quando a gente não era da igreja e veio morar aqui a gente era igual todo mundo. A gente era qualquer jovem que podia fazer mal, dar tiro. As pessoas vão vendo você na igreja e veem que você é diferente [sic]” (Claudio, 18 anos: entrevista de campo, 2017).

A igreja também se apresenta como um espaço responsável por promover uma identidade social. É a partir dela que esses jovens se identificam como um grupo, estabelecem práticas e convívios cotidianamente. Assim afirma a jovem,

Sim, por causa que a igreja está aqui no bairro. A gente já se enturmou desde antes da igreja. No início eu falava ‘mãe vamos embora daqui pelo amor de Deus’. Mas a igreja assim, igual com esses projetos que a igreja faz igual o Tardel, incentiva os jovens a ir pra igreja. (...). Igual semana passada nos fomos no monte quase a semana inteira a escola estava de paralisação se não fosse isso a gente ia fazer o que. Eu estava com cara até de morta, ensaios de coreografia, culto, consagração de manhã, a semana rendeu [sic] (Carina, 16 anos: entrevista de campo, 2017).

As colocações permitem compreender a igreja como um espaço que permite que esse jovem estabeleça itinerários dentro do empreendimento, que se relacione com outros residentes através de suas práticas – em especial a “Evangelização” – que improvisem e se encontrem, se divirtam, que construam territorialidades e processem uma re-territorialização em um ambiente construído e atravessados por desafios de cunho estrutural e social.

Apesar dessa igreja pouco promover a saída desses jovens do residencial, ela é capaz de comprometê-los diariamente com ações que promovem o interesse, a cooperação, o encontro, o sentido de morar num local completamente desconhecido e de criar laços com ele. Ao final das entrevistas, fica claro o papel dessas igrejas na vida e no processo de territorialização desses jovens com o residencial. Questionados sobre como é viver no Parque das Águas, a maioria é taxativa ao se referir à igreja como o principal motivo de gostarem de estar ali.

A igreja é o único motivo para eu gostar de morar aqui. Os meus amigos são todos de lá. No início eu não gostava daqui, agora eu não me vejo longe daqui. Já está todo mundo reunido na igreja [sic] (Carina, 16 anos: entrevista de campo, 2017).

Quando eu vim pra cá, eu não quis estudar na escola. Ai comecei a ir na igreja, conheci amigos que estudavam lá, ai me incentivou a voltar a estudar e ir pra escola aqui perto [sic] (Laura, 16 anos: entrevista de campo, 2017).

Me adaptei mais aqui, mais amizades. Mais como eu nasci lá eu gosto de lá. Mas estou gostando daqui [sic] (Elaine, 15 anos: entrevista de campo, 2017).

A igreja se apresenta essencial em vários aspectos do processo de identificação desses jovens com o local de moradia, sendo encarada como o lugar que promove encontros de descontração e de amizades. As falas descritas permitem compreender que ela, respectivamente, reúne e agrega; que é uma opção em um local que “não tem nada”, incentiva, em referência a ida de uma jovem para a escola. No entanto, compreende-se que esse processo ainda se encontra em movimento, vem se definindo cotidianamente, não ocorre do dia para a noite, como observado na afirmação: “Coisa boa. Não, foi difícil. Sentava no hidrômetro lá de casa tristinho. Lembrando dos amigos do outro bairro. Depois que eu conheci aqui, está melhorando tudo [sic]” (Entrevista de campo, 2017). O tempo verbal que o jovem emprega a palavra “melhorando” indica a construção de uma afinidade com o local como um processo que tem se constituído, especialmente após a sua inserção na igreja. Para outros, morar no Parque das Águas – esse processo – se apresenta mais construído, ainda que carregado de desafios. Finalmente, para ambos a igreja se apresenta como um elemento propulsor de construção de uma afinidade com o local e tudo o que ele representa. Assim, segue a afirmativa:

Agora eu gosto. No início era complicado. Muita morte, briga. Mas depois que eu fui pra igreja melhorou muito pra mim porque eu não tinha nada pra fazer aqui, eu sentia saudades do meu outro bairro [sic] (Claudio, 18 anos: entrevista de campo, 2017).

A fala evidencia as dificuldades enfrentadas pelo jovem em se relacionar com o novo local de residência. Os conflitos e a violência são citados em grande parte das falas direcionadas ao questionamento sobre como é viver no Parque das Águas. Entretanto vemos também a questão da memória que esse jovem tinha com seus antigos locais de residência e tudo o que deixaram para trás, especialmente os amigos e as relações. E também podemos observar essas relações sendo refeitas, especialmente através da inserção desses sujeitos na igreja, que se apresenta como uma referência para todas as práticas e grande parte dos itinerários desses jovens.

Considerações Finais

O Programa Minha casa Minha Vida, com todas as críticas a ele atribuídas, especialmente no que se refere aos moldes de sua implementação, foi capaz de promover benefícios ímpares a vida dos sujeitos contemplados por suas ações, especialmente a aquisição da casa, principalmente para os beneficiados dentro da faixa 1 do Programa. Entretanto, sua lógica desafia os residentes a reconstruírem suas vidas a partir de um emaranhado de entraves sociais e estruturais.

Dessa maneira, além do desafio de reconstruírem relações com o novo local de residência, os sujeitos que passaram pela experiência de se desterritorializar com os seus antigos bairros, indo residir no residencial, passaram e ainda passam pelo desafio de habitar um local carente de estruturas básicas e essenciais à manutenção da vida. Para os jovens este desafio ainda se apresenta mais intenso em razão de estarem em momento da vida marcado pelo ingresso mais ativo na vida pública e na construção de relações para além das vivenciadas no âmbito da família.

No entanto, dada a não homogeneidade dos espaços e da juventude, vimos que o desafio vivenciado pelos jovens evangélicos do Parque das Águas, embute os problemas vivenciados pelos demais, mas, em contrapartida, partilham um elemento que os auxilia na constituição da reterritorialização, que é a presença de uma gama de igrejas evangélicas.

Sobre as rotinas vividas pela juventude e sua compreensão como um elemento constituidor do processo de re-territorialização, observa-se que a territorialidade dessa juventude bem como as relações tecidas cotidianamente é permeada principalmente por ações promovidas pela sua inserção na igreja. Não pretendemos afirmar que outras territorialidades não são consideradas, citamos, por exemplo, a ida diária a escola, entretanto é notória a importância da igreja no processo, em razão da ocupação diária dos jovens pelas atividades desenvolvidas a partir desses espaços. É importante também evidenciar a importância dessa igreja e a disponibilidade de ações promovedoras de descontração em um local carente de equipamentos de lazer. Mais uma vez a intenção não é afirmar que é por não haver tal oferta que os jovens vão para a igreja, mas muitos afirmaram a importância das atividades desenvolvidas como forma de passar o tempo, ou seja, ocupar o tempo livre das obrigações, escolares, domésticas, etc.

As análises também deixam clara a relevância da igreja na construção de relações sociais dentro e fora dela. Os relatos deixam a evidência de que ela promove a aglutinação do grupo e também o desenvolvimento de relações dele com os demais jovens do bairro. Entretanto, nota-se uma evidente separação entre ambos à medida que se classifica esses jovens entre os de dentro e os do “mundo”. O que denota a evidência da construção de uma identidade social. Em consonância ao entendimento de Cassab (2009), ao afirmar que identificar é diferenciar, sendo, portanto, relações sociais. Entendemos que através da

diferenciação os sujeitos definem o “outro”, produzem o sentimento de pertença a partir de um parâmetro classificatório. Como os da igreja e os do “mundo”.

No tocante ao PMCMV, com toda a verticalidade com que a sua política é pensada e incidida na vida dos sujeitos, verificou-se que afora toda desorganização e desigualdade do espaço promovida por suas ações, este espaço é e deve ser também visto como o lugar do cotidiano, experiências, ações coletivas. Nesse sentido corroboramos com Ana Fani Carlos (2007) ao afirmar que, O espaço é o lugar do encontro e o produto do próprio encontro e a cidade ganha teatralidade e não existe dissociada da sociedade que lhe dá conteúdo (p. 34).

Assim, as desigualdades aparentemente promovidas pelas ações do programa desembocam em uma diversidade de acontecimentos, construção de práticas coletivas e relações; produtos das especificidades dos múltiplos sujeitos envolvidos nessa trama. Dessa maneira, no decorrer do tempo, novos laços sociais e territoriais se redesenham, criando novas identidades e pertencimentos que se fazem através do uso do território.

Por fim, percebe-se que o processo de re-territorialização da juventude evangélica residente no Parque das Águas, vem sendo definido ao longo do tempo, ou seja, se encontra em construção, à medida que alguns jovens ainda manifestam nas suas falas estarem se acostumando com o local. Nota-se também que ele é, sobretudo, auxiliado por dois principais elementos físicos: a casa e a igreja. Ao afirmarem: a casa aqui é nossa, que ela proporciona uma maior individualidade, que não é mais uma situação de risco, estão evidenciando a centralidade dela em suas vidas e, do mesmo modo, afirmando a positividade do ato de se mudar para o local. Assim, reconhecem a nova casa como melhor e como uma propriedade da família. Essas e outras evidências explicitam, portanto, a construção de novas identidades territoriais.

Artigo recebido em 24 jul. 2017.

Aprovado para publicação em 03 nov. 2017.

Referências

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. *Cartilha do Minha Casa Minha Vida*. Brasília: CEF, s.d.

CARRANO, P. C. R. *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro: RelumeDumará/FAPERJ, 2002.

414 **Morar aqui é “coisa boa”: desvendando o processo de construção das identidades socioterritoriais dos jovens evangélicos que migraram para um empreendimento do Minha Casa Minha Vida na periferia de Juiz de Fora/MG**

CARLOS, A. F. A. A. A questão da habitação na metrópole de São Paulo. *Scripta Nova*, Barcelona, vol. VII, n. 146, ano 46, s.p., ago. 2003.

_____. *O espaço urbano novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASSAB, C. *(Re) construir utopias: jovem, cidade e política*. 2009. 228f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

_____. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. *Lócus - Revista de História de Juiz de Fora*, Juiz de Fora, v.17,n.2, p.145-159, 2011.

_____; BARBOSA, M. *O Programa Minha Casa Minha Vida na realidade de uma cidade média: Impactos no ordenamento urbano e na (re)definição das identidades territoriais dos jovens residentes*. Relatório apresentado à FAPEMIG, Juiz de Fora, 2015.

CORREA, R. L. Territorialidade e Corporação: um exemplo. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). *Território: Globalização e Fragmentação*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1996. p. 251-256. COSTA, M. R. Os Carecas de Cristo e as tribos Urbanas do Undergroud Evangélico. In: PAIS, J. M.; BLASS, L. M. S. (Org.). *Tribos Urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Anablume, 2004.

FERNANDES, D. *Desvendando territórios: juventude evangélica no bairro Jardim das Américas*. 2007. 109f. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava/PR, 2007.

FERNANDES, S. R. A. Juventudes nas igrejas e fora delas, crenças, percepções da política e (des) vinculações. *Tomo*, São Cristóvão/SE, n. 14, p. 99-126, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/500/416>>. Acesso em: 23 out. 2016.

G1. *Moradores se queixam de estrutura no Parque das Águas em Juiz de Fora*. Dez. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2013/12/moradores-se-queixam-de-estrutura-no-parque-das-aguas-em-juiz-de-fora.html>>. Acesso em: 5 dez. 2016.

GOMES, E. E. No bairro tem igreja: práticas culturais entre jovens pentecostais. *Cadernos Ceru*, São Paulo, n. 18, p. 69-89, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/viewFile/11833/13610>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

GOMES, P. C. A cultura pública e o espaço: desafios metodológicos. In: ROSENDAHL, Z; CORREA, R. L. (Org.). *Região, identidade e território*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

GOULART, D. A. O espaço do jovem em meio ao crescimento evangélico. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, IV, 2008, Salvador/BA. *Anais...* Salvador/BA: UFBA, 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14576.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

GROPPO, L. A. *Juventude: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

_____. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *Revista de Educação do Cogeime*, Rio de Janeiro, ano 13, n, 25, p. 9-22, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.cogeime.org.br/revista/cap0125.pdf>>. 12 jul. 2016.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Z; CORREA, R. L. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

_____. Territórios e multiterritorialidade: um debate. *Revista GEOgraphia*, Rio de Janeiro, ano IX, n.17, p.19-45, 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/213/205>>. Acesso em: 28 set. 2016.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A EDITORA, 2002.

MASCARÓ, L; MASCARÓ, J. *Vegetação urbana*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise social*, vol. XXV, n. 105/106, p. 139-165, 1º/2º semestre 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

SAQUET, M. A. Proposições para estudos territoriais. *Revista GEOgrafia*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 15, p. 71-85, 2006.

_____. Por uma abordagem territorial. In: _____; SPOSITO, E. S. *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 73-95.

_____. *Abordagens e concepções de território*. 4ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.